

O mundo repleto de máquinas
mais se parece ao mar, quando
agitado.

Interesses em conflito. Classes
insatisfeitas. Famílias desarvoradas.
Lares desfeitos. Reivindicações na base da violência. A imprensa veiculando os desastres
sociais. Gente rixando, discutindo.

Sentem-se os impactos da maré
alta e as depressões da maré
baixa.

As ondas da opinião arrastam as
criaturas de um lado para outro,
enquanto a tensão lhes espanca
os nervos e lhes corrói a
resistência.

Você pode, no entanto, construir
a sua ilha de refazimento.

Escolha um horário, ainda mes-
mo estreito, para o seu banho de

silêncio.

Imagine-se num recanto verde
do campo ou na tranquilidade de
uma praia deserta.

Ouça a você mesmo.

Todos possuímos vozes inarticu-
ladas na mente.

Procure revisar o que lhe acon-
teceu, horas antes.

Reconsidere as aquisições que
realizou e os ajustes que haja feito.

Se alguém feriu a você, mesmo
de leve, perdoe a esse alguém com
todas as suas reservas de
compreensão.

Se você ofendeu a determinada
criatura, comece o seu pedido de
perdão em pensamento e busque
agir, de modo que a pessoa ferida
lhe possa ver a presença no ângulo
da renovação para melhor.

Viagem do Renascimento

Articule os seus planos de trabalho sem precipitação e sem fantasia.

Anote a beleza que o mundo nos oferece: uma fonte de água limpa, o sorriso de uma criança, uma flor que o vento auxilia a curvar-se, homenageando a sua passagem, ou uma nesga de céu azul.

Levante a sua ilha, no mar bravio das horas, e refaça as próprias forças dentro dela. E, no silêncio com que ela enriquece a sua existência de serenidade e consolo, compreenderá você quanto é belo saber que estamos todos juntos, na mesma embarcação, que a todos nos transporta, em sua viagem multimilenária para o nosso encontro com Deus.

Achava-me numa ilha de esperança, em pleno mar da Espiritualidade, consciente de que me aproximava do retorno à vida física.

Pensava na jovem que me receberia nos braços.

Lembrava-me de havê-la conhecido em outras estâncias. A memória, porém, lutava para reconstituir-lhe a imagem dentro de mim. Só ela conseguiria fixar-me de novo na Terra, pela força do amor.

Cerrei os olhos, como quem se preparava para uma jornada intuitiva de volta ao passado, no intuito de refazer-lhe os traços.

Era ela, sim, que devia esperar-me.

Sentia-lhe as mãos de veludo, resguardando-me a segurança, enquanto os seus pensamentos per-